

# DA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DE UMA MONOGRAFIA: PRÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO SUPERIOR

Gilce Aparecida Quintão CASTRO

## RESUMO

Neste estudo, procura-se realizar uma reflexão que possa contribuir para a compreensão da monografia de caráter acadêmico-científico. Buscou abordar aspectos que dizem respeito à estrutura global, ao *layout* do texto, à apresentação gráfica, às normas técnicas exigidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), bem como a apresentação de diferentes gêneros na sua constituição. Para a realização desse estudo, observou-se o gênero textual monografia, com base no arcabouço teórico da linha sócio-funcionalista de Halliday e Hasan. Nessa perspectiva, tenta-se dialogar com os que se interessam por questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem desse gênero da esfera acadêmica, especialmente, professores de língua portuguesa e outros professores que se vêem envolvidos, de alguma forma, com a produção escrita no ensino superior. Este estudo propõe, pois, um especial cuidado em relação à caracterização desse gênero, em especial, à compreensão de diferentes dimensões envolvidas em produções monográficas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero textual; Monografia. Contexto e registro.

## Introdução

O objetivo principal deste artigo é realizar uma reflexão que possa contribuir para a compreensão da monografia – um texto de caráter acadêmico-científico – no que diz respeito à estrutura global (macroestrutura), ao *layout* do texto, à apresentação gráfica, às normas. Busca-se dialogar com os que se interessam por questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem desse gênero da esfera acadêmica, especialmente, professores de língua portuguesa e outros professores que se vêem envolvidos, de alguma forma, com a produção escrita no ensino superior. Este estudo propõe, pois, um especial cuidado em relação à caracterização desse gênero, em especial, à compreensão de diferentes dimensões envolvidas em produções monográficas.

Para a realização desse estudo, procurou-se analisar o gênero textual monografia, com base no arcabouço teórico da linha sócio-funcionalista (HALLYDAY e HASAN, 1989). O principal intuito do trabalho é dialogar com os que se interessam por questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem desse gênero da esfera acadêmica, especialmente, professores de língua portuguesa e outros professores que se vêem envolvidos, de alguma forma, com a produção escrita no ensino superior. Este estudo propõe, pois, um especial cuidado em relação à caracterização desse gênero, em especial, à compreensão de diferentes dimensões envolvidas em produções monográficas, de caráter obrigatório na formação de bacharéis.

É nesse sentido que esta produção objetiva, por um lado, promover uma discussão acadêmica sobre o tema, por outro lado, este artigo, pode-se evidenciar uma constatação: as abordagens teóricas tanto se aproximam, ao lançar um olhar social e discursivo sobre a linguagem e se distanciam quando se trata da apresentação de conceitos-chave, na teoria dos gêneros.

### **O gênero textual no campo lingüístico**

O gênero textual passou a ser uma noção central no campo da linguagem, desde sua concepção como um fenômeno lingüístico que envolve conceitos, tais como língua, discurso, estruturas sociais. Desse ponto de vista, possibilita diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos, e, ao mesmo tempo, abrange elementos conceituais que possibilitam uma ampla discussão no próprio campo da lingüística (MEURER, 2000). O gênero, do ponto de vista formal (como unidade de linguagem), unifica o

campo dos estudos lingüísticos, e, justamente por isso, amplia diálogos entre diferentes abordagens.

O conceito de gênero como categoria do discurso possibilita à lingüística aplicada ampliar o horizonte de explicações sobre a linguagem. Parece haver uma certa “competição” em que diferentes abordagens buscam a melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termo de contextos e práticas sociais específicos (MEURER, BONINI E MOTTA-ROTH, 2005).

Todavia não há qualquer pretensão, neste estudo, de se construir um quadro taxionômico para o campo de gênero textual, e, sim, de buscar compreender o gênero monografia acadêmica, a partir da abordagem funcionalista de Halliday. Atrelada a essa pretensão, uma questão poderia vir à tona: haveria necessidade de articular à teoria dos gêneros os trabalhos sócio-semióticos? Seria possível fazer essa interlocução? Em que medida esse trabalho de pesquisa em torno da linguagem, principalmente por tentar associar teoria e prática de gêneros textuais, poderia contribuir para ampliar certas habilidades do graduando, no nível superior, para interagir, constituir discursos e se constituir discursivamente? E quanto à prática pedagógica do professor?

### **Perspectiva funcionalista (abordagens sócio-semióticas)**

As posições teóricas de Hasan, Martin, Fowler, Kress e Fairclough, em maior ou menor conta, utilizam aportes da teoria sistêmica (funcionalismo de Halliday), das análises

críticas e da teoria textual. O prefixo sócio é utilizado, nessa perspectiva, em função dos

1 CASTRO, Gilce Aparecida Quintão. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UnilesteMG. Coronel Fabriciano, MG, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE/UFMG. Av. Antônio Carlos. Belo Horizonte. MG, Brasil. gilcecastro@terra.com.br

trabalhos que, em alguma medida, se atêm mais ao caráter social da linguagem que ao estrutural. Já gênero textual, nesse mesmo âmbito, é analisado como uma ação social.

Os autores Motta-Roth e Heberle (2005), ao discutirem o conceito de Estrutura Potencial do Gênero, de Hasan, levam em consideração pesquisadores que exerceram influência sobre esse teórico, cujo argumento central pauta-se na necessidade e na possibilidade de analisar a linguagem como um sistema sócio-semiótico. Também, a perspectiva teórica de Halliday é objeto de discussão, nos escritos de Hasan, em várias de suas publicações sobre linguagem como prática social.

Halliday (1994a), citado por Motta-Roth e Heberle (2005), considera que a relação entre os seguintes elementos centrais – os significados considerados relevantes, as formas lingüísticas que realizam esses significados e os contextos que os evocam – varia conforme a posição do sujeito, usuário da linguagem, quanto a seu maior ou menor grau de poder na sociedade. Na elaboração de sua lingüística sistêmica funcional, esse teórico procura relacionar as variáveis de registro de macro e microestruturas. Por sistêmica, entende-se linguagem como redes de escolhas (EGGINS, 1994), já, por funcional, compreende-se sua relação com a atividade social em andamento num dado contexto.

Quanto à visão hallidayana da gramática, evidencia-se o caráter dialético entre a situação (o fazer) e sua materialização no léxico, na gramática e em todos os níveis de significação da linguagem (o dizer). O texto é definido como a instância de uso da

1 CASTRO, Gilce Aparecida Quintão. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UnilesteMG. Coronel Fabriciano, MG, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE/UFMG. Av. Antônio Carlos. Belo Horizonte. MG, Brasil. gilcecastro@terra.com.br

linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto da situação (HALLIDAY, 1989, citado por MOTTA-ROTH E HEBERLE ( 2005).

A partir desse ponto, interessa-nos explorar os entendimentos atribuídos a texto e a contexto da situação, e, em segundo momento, apresentar a maneira como os significados associados às atividades humanas (contexto) são realizados pelas metafunções da linguagem (texto), em um gênero textual.

### **O contexto da situação**

Ainda, com base nos trabalhos de Motta-Roth e Heberle ( 2005), tenta-se estabelecer, na relação funcional entre linguagem e contexto da situação, que cada gênero corresponde a padrões textuais recorrentes (o uso que se faz da linguagem para atingir certos objetivos comunicativos) e contextuais (a situação da experiência humana com a qual determinado registro de linguagem é comumente associado).

Para definir o contexto da situação pela linguagem, vale ressaltar três variáveis da configuração contextual: i) campo do discurso - diz respeito ao modo como a natureza da prática social é realizada pelo uso da linguagem, isto é, o tipo de ato que está sendo executado e seus objetivos (informar, culpar, elogiar, por exemplo); ii) relação - refere-se ao modo como se dá a natureza da conexão entre os participantes da situação (a natureza dos papéis de agente, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles, a distância social existente); iii) modo – trata-se da natureza do meio de transmissão da mensagem, isto é, o papel desempenhado pela linguagem, o compartilhamento do processo entre os participantes, canal da mensagem, meio

(HALLIDAY, 1989; HASAN, 1996c, citados por MOTTA-ROTH e HEBERLE 2005).

Essas variáveis são responsáveis pela configuração contextual e podem permitir fazer previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto – texto como possibilidade de um gênero específico. Dessa forma, enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos dentro de uma situação específica num contexto de cultura.

As três variáveis do contexto - o campo, a relação e o modo - são realizadas por meio das seguintes metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Em se tratando da metafunção ideacional, defende-se que o conteúdo do texto é expresso, e isso oferece possibilidade ao sujeito observador, de tirar partido da capacidade da linguagem de representar as experiências do mundo interior e exterior. Em relação à metafunção interpessoal diz respeito à que expressa as interações sociais das quais o sujeito participa, possibilitando-lhe, assim, representar ações sobre os outros dentro da realidade social e desencadear novas ações. Já no que se refere à metafunção textual é a que expressa a estrutura e o formato do texto, possibilitando, dessa forma, ao sujeito, estruturar a própria experiência em textos, a partir do sistema da língua.

Essas três metafunções da linguagem formam o construto teórico que representa o contexto social como sendo o ambiente semiótico em que as pessoas vivenciam significados. Nessa perspectiva, percebe-se o quanto é importante estudar a linguagem,

não como um sistema de regras, isolado da vivência humana, e, sim, como um sistema de representação simbólica de experiências recorrentes, em uma dada cultura.

Nos trabalhos de Vian Jr e Lima-Lopes (2005), percebe-se a ênfase atribuída ao caráter teleológico sobre o gênero textual, na perspectiva de defini-lo como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos, ao considerar o mundo como um sistema de relações entre meios e fins. Esses autores apresentam a perspectiva teleológica de Martin, que, por enquadrar-se numa visão sistêmico-funcional da linguagem, apropria-se de alguns conceitos da teoria de Halliday (1985; 1994a), dentre os quais, as metafunções da linguagem e as variáveis de registro que, por sua vez, está relacionado à situação imediata de realização do texto (contexto da situação).

### **Registro: concepção de Halliday**

Halliday (1978) afirma que o registro é realizado através da estrutura léxico-gramatical, identificada em um texto que engloba as três variáveis gramaticais: transitividade, modo e tema. Essas variáveis se estruturam como resultado concreto de uma interação social, que, por sua vez, relaciona o contexto social e sua influência na produção escrita. Na interação, texto e contexto (da situação) estão intimamente ligados. Desse modo, salienta-se que, sob a ótica da lingüística sistêmica, Halliday introduz a noção de registro para descrever a relação estreita da língua com o propósito socialmente criado para usá-la (HALLIDAY & HASAN, 1989).

No que tange à relação entre texto e contexto, Halliday afirma que ambos são aspectos do mesmo processo, existindo um outro texto (*con-text*) que acompanha o próprio texto. Por sua vez, o texto supõe o ambiente (contexto da situação), que pode apresentar manifestações verbais e/ou não verbais. Os critérios e variáveis para o levantamento de diferentes registros possíveis de serem encontrados em uma língua, em contextos sociais de uso, podem contribuir para a interpretação. Esse teórico trabalha com a previsibilidade, em oposição à generalidade e às padronizações, que certas atividades sociais podem produzir. Admite que existem classes de textos, já que, para qualquer texto dado, haverá outros que se parecem entre si, e o reconhecimento dessas semelhanças indica que esses textos pertencem a um mesmo registro (HALLIDAY & HASAN, 1989). A partir desse critério, pode-se situar um texto, tal como a monografia acadêmica, gênero de que trato no item que se segue.

### **Da monografia acadêmica**

Ao longo da graduação, é possível observar que os estudantes, nesse nível de ensino, precisam apresentar uma série de trabalhos acadêmicos que se diferenciam uns dos outros quanto ao nível de exigência e quanto à natureza do conteúdo abordado. Via de regra, para o término do curso, os alunos têm o compromisso de elaborar um trabalho baseado, geralmente, em fontes bibliográficas confiáveis, que lhes exige maior embasamento, reflexão, amplitude. Alguns autores, apesar de darem o nome genérico de monografia a todos os trabalhos científicos, diferenciam uns dos outros de acordo com o nível da pesquisa, a profundidade e a finalidade do estudo, a metodologia utilizada e a originalidade do tema e das conclusões (MARCONI e LAKATOS, 2003; MEDEIROS, 2003; SEVERINO, 2000).



Esses mesmos autores asseguram que um trabalho acadêmico-científico propõe-se a investigar, de forma criteriosa e em acordo com as normas da metodologia científica, um problema relevante para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Embora o estudante universitário não seja ainda um cientista formado, acredita-se que se encontra no caminho para a aprendizagem do processo de investigação científica.

Vários e diferentes conceitos sobre o que é uma monografia são defendidos por diferentes autores (SALVADOR,1997; RUIZ, 2002; SEVERINO, 2000). A partir dos conceitos apresentados, freqüentemente, podemos concluir que se trata de um estudo sobre um tema específico ou particular com suficiente valor representativo que obedece à rigorosa metodologia.

Vimos, anteriormente, estudos de Halliday (1994a) em que considera a relação entre alguns elementos centrais (significados relevantes / formas lingüísticas que realizam esses significados / contextos que os evocam) e sua variação conforme a posição do sujeito.

Lakatos e Marconi (2002), estudiosos da metodologia científica, asseguram que a monografia representa um trabalho escrito, sistemático e completo, com tema específico de uma área do conhecimento. Trata-se de um estudo detalhado, abordando vários aspectos do tema em destaque e obedecendo a determinados métodos de pesquisa. Assim, o trabalho monográfico contribui para a construção da ciência. Dessa forma, o texto escrito, por meio das formas lingüísticas, revela a condição de inserção do graduando na comunidade científica.

A monografia, em sentido amplo, visa a satisfazer um requisito para obtenção de grau, título ou avaliação acadêmica, geralmente solicitada para a conclusão de cursos de graduação ou pós-graduação. Em ambos, a extensão do trabalho monográfico é variável porque o mais importante é a qualidade do trabalho apresentado. Na tentativa de articular a perspectiva funcionalista hallidayana com os elementos retratados em relação ao gênero monográfico, vimos que se podem relacionar três variáveis da configuração contextual: campo do discurso, relação e modo.

Já em sentido restrito, a monografia recebe diferentes nomenclaturas de acordo com o nível e a finalidade do trabalho acadêmico-científico. Na graduação, temos: i) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); ii) Monografia de Conclusão de Curso (MCC); iii) Trabalhos interdisciplinares, cujas denominações variam de acordo com a Instituição. Na pós-graduação (*lato sensu, stricto sensu*), as monografias se diferenciam pelo grau de aprofundamento do estudo em relação ao tema delimitado. Para a pós-graduação *lato sensu*, a monografia é a etapa final para obtenção do título de especialista. Na pós-graduação *stricto sensu*, destacamos outros dois tipos de trabalhos científicos: dissertação de mestrado e tese de doutorado.

A esse respeito, vimos, também, que, dialogando com a visão hallidayana, a produção escrita da monografia, evidencia o caráter dialético entre o fazer o dizer, situação em que o texto é definido como a instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto da situação. Dessa forma, o mais importante em um trabalho acadêmico é sua seriedade e cientificidade. Não se trata, pois, de cópia,

de repetição, de reprodução de trechos ou resumos; nem mesmo de uma dissertação de opiniões e idéias sem fundamentação ou embasamento teórico.

Quanto à macroestrutura textual de uma monografia, em geral, vê-se normatizada pela ABNT, uma instituição nacional responsável pela especificação técnica que descreve as regras e orienta, minimamente, produtos ou serviços. Além da ABNT, outras fontes são indicadas por professores de diferentes instituições para que os alunos organizem essa produção escrita: *Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD*; *International Organization fo Standartization – ISSO -*; *Federation Internacionale de Documentation – FID*; *Comitê International lpour la Documentation dès Sciences Sociales – CIDSS*, entre outras fontes.

Como se não bastassem tantas normas, várias instituições de ensino, notadamente universidades, também iniciariam um processo de individualização, incorporando orientações da ABNT, ao mesmo tempo em que começaram a criar algumas normas próprias. O resultado é que dispomos hoje de vários manuais de faculdades com suas próprias especificações, configurando-se, assim, em variáveis de registro, de macro e microestruturas, por sua relação com a atividade social em andamento num dado contexto, conforme a teórica sistêmica de Halliday (*op. cit.*).

### **Apresentação gráfica de uma monografia**

Vimos que a elaboração de um trabalho acadêmico busca o manuseio de determinadas regras próprias do pensamento científico. Assim, a familiaridade com as regras do “jogo da ciência” supõe o acolhimento de normas que são pré-estabelecidas pela comunidade científica e que revelam um padrão, um modelo; enfim, um jeito de fazer.

1 CASTRO, Gilce Aparecida Quintão. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UnilesteMG. Coronel Fabriciano, MG, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE/UFMG. Av. Antônio Carlos. Belo Horizonte. MG, Brasil. gilcecastro@terra.com.br

O padrão estabelecido representa uma rede de compromissos conceituais, teóricos, metodológicos e instrumentais assumidos e compartilhados entre os cientistas. Em vista disso, elaborar, organizar e formatar uma monografia rigidamente dentro dos padrões tem sido tarefa difícil, pois exige do autor uma grande familiaridade com as regras.

Vimos, também, que a metafunção textual, que expressa a estrutura e o formato do texto, possibilita ao sujeito, estruturar a experiência em produção escrita, a partir do sistema da língua. Um outro parâmetro para definir essa questão, diz respeito ao *layout* de um texto monográfico. Perspectiva segundo a qual a macroestrutura textual – com todos os seus desdobramentos em títulos, subtítulos, citações diretas e indiretas, curtas e longas, notas de rodapé, paginação e tantos outros elementos que estabelecem uma metafunção semiótica do texto – são de grande importância para a compreensão, reconhecimento e domínio do gênero monografia acadêmica.

Na seqüência, apresenta-se, inicialmente, um panorama geral fornecido pela ABNT (NBR-14724:2002) do que deve conter uma monografia.

Quadro 1: Elementos estruturais de uma monografia

Estrutura	Elementos	Recomendação da ABNT
Elementos pré-textuais	Capa	Obrigatório
	Lombada	Opcional
	Folha de rosto	Obrigatório
	Errata	Opcional
	Folha de aprovação	Obrigatório
	Dedicatória	Opcional
	Agradecimento	Opcional
	Epígrafe	Opcional
	Resumo na língua vernácula	Obrigatório
	Resumo na língua estrangeira	Obrigatório
	Lista de Ilustrações	Opcional
	Lista de tabelas	Opcional
	Lista de abreviaturas e siglas	Opcional
	Lista de símbolos	Obrigatório
Sumário	Obrigatório	
Elementos textuais	Introdução	Obrigatório
	Desenvolvimento	Obrigatório
	Conclusão	Obrigatório
Elementos pós-textuais	Referências	Obrigatório
	Glossário	Opcional
	Apêndice	Opcional
	Anexo	Opcional
	Índice	Opcional

Quadro 1: Elementos estruturais de uma monografia

Fonte: NBR 14724/ABNT

No quadro acima, é possível perceber que o gênero monografia apresenta diferentes gêneros na sua constituição, tais como: resumo, sumário, folha de aprovação, referências, entre outros.

Já na perspectiva semiótica, procura-se relacionar o modo como se deve organizar, graficamente, uma monografia. Os dados que se seguem são propostos pela ABNT, por meio da NBR 14724:

## **Formato**

### **Papel branco:**

- Tamanho A4 (21 cm x 29,7 cm);
- Folha de rosto (anverso);
- Ficha catalográfica (no verso da folha);

### **Margens**

- Esquerda e superior: 3 cm;
- Direita e inferior: 2cm.

### **Espacejamento**

Todo texto deve ser digitado em espaço duplo. O espaço simples é destinado para citações longas, notas, referências, resumos e ficha catalográfica. Os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede ou que os sucede por dois espaços duplos.

### **Paginação**

Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, deverão ser contadas sequencialmente, mas não, necessariamente, numeradas. Somente a partir da segunda folha da parte textual (introdução), em arábico, no canto superior direito, a 2 cm da borda superior, sem ponto e sem hífen, deve se iniciar a numeração. Caso as páginas iniciais (introdução, capítulos, dentre outras seções primárias) sejam numeradas, deve-se utilizar algarismos romanos.

### **Fonte**

Recomenda-se para a digitação a utilização de fonte tamanho 12 e tamanho menor para citações diretas longas (mais de três linhas). No computador, você tem a oportunidade de escolher o tipo de letra (fonte) a ser utilizado, bem como o seu tamanho. Escolha a fonte que esteja mais adequada ao conteúdo do seu trabalho, podendo variar de 11 a 14. A qualidade, a compreensão e a beleza do texto devem influenciar na escolha.

### **Cor**

O trabalho deve ser digitado na cor preta, com exceção das ilustrações.

## **Ilustrações**

O projeto gráfico da monografia é de responsabilidade do autor. Assim, apesar da recomendação de que as ilustrações devem estar no anverso da folha, pode-se, livremente, disponibilizá-las como achar conveniente. O critério maior está relacionado com a possibilidade de o leitor compreender o seu texto.

## **Indicativo de capítulo**

Os capítulos são chamados de seções primárias pela ABNT. Quando for aberto um capítulo, você deve centralizá-lo, escrever em letra maiúscula (caixa alta) e em negrito, com 8 espaços simples da borda superior do papel deixando dois espaços duplos para iniciar o texto. Os títulos das seções secundárias em diante (que são as subdivisões do texto) deverão ser destacados de outra forma.

## **Redação**

Recomenda-se que utilize a forma da terceira pessoa do plural para escrever o texto monográfico. Além disso, ao elaborar o trabalho, procurar escrever parágrafos curtos, claros e objetivos, de no máximo 10 linhas.

## **Notas de rodapé**

As notas de rodapé dividem-se em: notas de referência e notas explicativas. As primeiras são suadas quando se adota o sistema numérico de citações; as demais são utilizadas para inserir comentários ou explicações sobre determinados trechos do texto. Localizam-se no pé da página, separadas do texto por um fio de 3 cm, a contar da margem esquerda e são feitas em fonte tamanho 8. No editor do texto *Microsoft word*, a colocação das notas é automática. As obras citadas em notas de rodapé deverão constar da lista de referências bibliográficas em ordem alfabética. A expressão latina *Ibid* é usada quando várias notas de rodapé se referem a uma mesma obra de um mesmo autor, variando apenas a página.

Embora não tenhamos condição de apresentar aqui uma análise “exaustiva” da semiótica do espaço visual “construído” no texto monográfico, não podemos deixar de tecer um comentário sobre as funções que o layout pode trazer para uma caracterização desse gênero. Da forma como o texto monográfico nos é apresentado graficamente:

1 CASTRO, Gilce Aparecida Quintão. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UnilesteMG. Coronel Fabriciano, MG, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE/UFMG. Av. Antônio Carlos. Belo Horizonte. MG, Brasil. gilcecastro@terra.com.br

configuração das páginas, parágrafos, títulos principais e secundários, alinhamentos dos textos, a inserção de ilustrações, gráficos e tabelas, entre outros aspectos, torna-se possível identificar um domínio de um gênero, segundo sua esfera social e sua estrutura composicional.

### **Considerações finais**

Neste estudo, entre outros aspectos, fez-se uma reflexão sobre a macroestrutura da monografia – gênero de caráter acadêmico-científico – uma produção escrita que vem sendo bastante exigida dos graduandos como trabalho de conclusão de curso, no ensino de nível superior.

O propósito foi provocar uma reflexão sobre esse gênero, considerando-se, de modo especial, uma perspectiva sistêmico-funcionalista hallidayana. Em termos práticos, todos os conceitos foram discutidos com o propósito de ressaltar a relevância de se pensar esse gênero em situação de ensino-aprendizagem. Nesse processo, considera-se não somente a relevância de se pensar o papel do aluno produtor desse texto, mas também sobre a importância do trabalho do professor-orientador.

Do ponto de vista adotado, um aspecto central, neste estudo, é considerar o caráter dialético da monografia, o que inclui a relação entre a situação (o fazer) e sua materialização no léxico, na gramática e em todos os níveis de significação da linguagem (o dizer).



Uma outra categoria que propusemos como sendo significativa foi a “metafunção textual”. Sua relevância decorre de nos permitir perceber a estrutura e o formato do texto, o que possibilita ao sujeito estruturar a experiência em produção escrita, a partir do sistema da língua. Um outro ponto discutido diz respeito ao *layout* de um texto monográfico, cujo caráter é bastante específico.

Então, se, por um lado, está o graduando na tentativa de ter sucesso no seu projeto de dizer (produzir um texto acadêmico-científico), de outro, encontra-se o professor de quem se espera que ofereça possibilidades para a realização do trabalho. Em razão disso, algumas dimensões da linguagem devem ser consideradas: i) formas de abordagem do objeto de investigação; ii) seleção de categorias a serem discutidas; iii) formas de intervenção do professor-orientador; iv) propósitos das normas técnicas; v) a construção de textos outros constitutivos desse gênero, entre outros. Enfim, na constituição da monografia algumas dimensões podem ser vistas como centrais.

### **Referências bibliográficas**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 14724**. Rio de Janeiro, 2005.

HALLIDAY, M.A. K. **Linguagem as social semiotic** – the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold. 1978.

HALLIDAY, M.A. K & HASAN **Language, context and text: aspect of language in a social-semiotic perspective**. Second Edition. Geelong, Vic: Deakin University Press. Oxford: OUP, 1989.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEURER J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MEURER, J. L. ; MOTTA-ROTH, D. (org.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru: EDUSC. 2002.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, Viviane M. O conceito de estrutura potencial do gênero de Ruqayia Hasan. In: **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

RUIZ, J.A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 2002.

SALVADOR, Domingos. **Método e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica**: elaboração de Trabalho científico. 6. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

SEVERINO, Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VIAN JR., Orlando; LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 29-45.